

**Síndrome de down: o papel da
Neurolinguística na aquisição do pronome possessivo**

Down syndrome: the role
of neurolinguistics in the acquisition of the possessive pronomen

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb/Brasil)

Nayra Marinho Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb/Brasil)

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos resultados de pesquisa que teve como objetivo analisar o processo de apropriação do pronome possessivo “meu/minha” no funcionamento da aquisição da linguagem de um jovem com síndrome de Down (SD) e com déficit intelectual, atendido no Grupo de Pesquisa “Fala Down” no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Os dados foram coletados ao longo de dois anos e seis meses, caracterizando um estudo longitudinal de caso único, em sessões semanais com duração de aproximada de uma hora. Os resultados indicaram que JR apresentou ganhos na aquisição dos pronomes possessivos pela vivencia de práticas sociais mediadas pelo outro e por meio da reflexão linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Síndrome de Down. Aquisição dos pronomes possessivos.

* Sobre as autoras ver página 53.

ABSTRACT

In this work, we present results of research that had as objective to analyze the appropriation process of the "my/my" possessive pronoun in the functioning of the acquisition of the language of a young person with Down syndrome (SD) and with intellectual deficit, attended by the Research Group "Speak Down", in the Research and Studies Laboratory in Neurolinguistics (LAPEN) of the State University of Southwest of Bahia (UESB). The results indicated that JR presented gains in the acquisition of the possessive pronouns by the experience of social practices mediated by the other and through linguistic reflection.

KEYWORDS: *Language. Down's syndrome. Acquisition of possessive pronouns.*

1 Introdução

O objetivo da pesquisa que originou este trabalho foi, de um lado, analisar o processo de apropriação do pronome possessivo “meu/minha” especificidade linguística observada no funcionamento da linguagem de um jovem com síndrome de Down (SD) e que apresenta consequente déficit intelectual; e, de outro lado, identificar os caminhos e as hipóteses por ele elaboradas. A síndrome de Down pode ser considerada protótipo da deficiência intelectual dado a sua incidência na contemporaneidade. A SD é uma condição decorrente da trissomia do par cromossômico 21, não apresentando grau de acometimento e sendo irreversível por sua condição genética em virtude da alteração orgânica ocorrida na fase de desenvolvimento embrionário. Ela poderá manifestar-se de três formas: *trissomia* padrão 21; *translocação*, quando ocorre uma separação cromossômica malsucedida seguida da meiose ou divisão das células; e *mosaicismo* que “é tomado como caso raro presente apenas em 2 ou 3 por cento da população identificada com a síndrome” (STRATFORD, 1989).

Ressaltamos que, na prática orientadora da pesquisa com a SD, reconhecemos a existência das condições orgânicas inerentes à SD, porém os fatores biológicos a ela inerentes não são tomados como deterministas e impeditivos do processo de aquisição da linguagem ou de outras questões de ordem linguística vivenciadas pelas crianças/jovens com SD, pois acreditamos que a uniformização e a categorização da SD anulam suas particularidades e acabam por desconsiderar as potencialidades que esses indivíduos possuem.

Os vários estudos sobre a SD identificam questões linguísticas, nas produções orais e/ou escrita de indivíduos com síndrome de Down (SD) e déficit intelectual, como o estilo telegráfico¹, a questão das palavras de relação; a aquisição dos pronomes possessivos “meu/minha”, foco deste trabalho, alguns

¹ Segundo Fonseca (1995), é uma expressão adotada tanto no campo da aquisição da linguagem quanto no campo da patologia para referir à omissão de itens lexicais funcionais no enunciado.

processos de estruturação silábica: apagamento de sílaba átona², redução de sílaba complexa³; omissão do /s/ /l/ e /r/, em posição de coda⁴ e assimilação⁵. No entanto, neste trabalho tratamos apenas da aquisição dos pronomes possessivos “meu/minha” em indivíduo com SD sem aprofundar as questões sinalizadas que poderão fazer parte de estudos posteriores.

O estudo vincula-se à perspectiva Histórico-cultural de Vigotsky, no que diz respeito ao papel do mediador na intervenção, e à Neurolinguística Discursiva (ND). Para Coudry (2010) a teorização na área da ND orienta tanto a avaliação e o acompanhamento longitudinal quanto a análise dos dados de linguagem que estão ancorados de maneira particular nos diversos domínios da linguística. A ND toma como ponto de partida a interlocução e tudo aquilo que a ela diz respeito, ou seja, as relações que nela se estabelecem entre sujeitos falantes de uma língua, levando em conta suas histórias particulares, as circunstâncias histórico culturais e suas condições de produção. Porém, somente para examinar o processo de aquisição da forma possessiva supracitada, buscamos na teoria gerativa caminhos para realizar essa análise. Por outro lado, concebemos que a reflexão linguística sobre as questões mencionadas podem coadunar o que foi exposto por Scarpa (2001). Para ela, crianças com SD passam pelos mesmos processos de aquisição que as crianças sem a síndrome, contudo de maneira mais lenta. Dessa forma, amparados em pressupostos linguísticos os pesquisadores podem apontar caminhos que auxiliem as crianças/jovens com SD apropriarem-se do funcionamento da linguagem.

2 Linguagem e Síndrome de Down

A literatura especializada sobre questões que perpassam a temática linguagem e SD aponta que durante o processo de aquisição em crianças com SD algumas dificuldades são registradas em suas produções orais, como o atraso no desenvolvimento da linguagem, que implica dificuldades linguísticas em vários níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico-pragmático. Existem outras questões, mas as maiores parecem estar concentradas nessas áreas. Os autores são unânimes em dizer que a área de linguagem é a mais comprometida nas crianças com SD.

Rondal (1991), em seu estudo, considera uma relação entre desenvolvimento mental e desenvolvimento linguístico. Para ele, há a existência de um atraso no desenvolvimento mental que resulta diferenças morfossintáticas e fonológicas entre pessoas com a SD e as que não têm a síndrome.

² Na qual não incide intensidade de voz ao dizê-la, como na palavra Escola, sílaba átona “es”, sílaba tônica “co”, pós-tônica “la”.

³ Estrutura silábica composta por duas consoantes e uma vogal (CCV), a qual possui o maior grau de complexidade e, portanto, é a última a ser adquirida no Português. A redução silábica, segundo Ribas (2004), trata-se de uma estratégia de reparo adotada pela criança que ainda não adquiriu a CCV, a qual produz C¹V, reduzindo a sílaba para uma consoante e uma vogal, por exemplo, [patu] para prato.

⁴ Corresponde a consoante em posição pós-nuclear dentro de uma sílaba, isto é, após a vogal que ocupa a posição de núcleo.

⁵ Processo Fonológico no qual o som pode interferir na produção de outro, é um processo de coarticulação, como “babaiar” para trabalhar. Ver Schane (1975).

Cuileret (1984), por sua vez, ao acompanhar, longitudinalmente, crianças com SD, em um centro de estudos na França, considerou que elas têm dificuldades no desempenho narrativo devido a problemas de análise, síntese e ordem temporal. Em suas observações, concluiu que as crianças fazem muita análise em detrimento da síntese. Assim, elas elegem partes do enunciado e não conseguem sintetizar. Dessa forma, tanto sua recepção de linguagem quanto sua produção ficam prejudicadas, como se cada parte do enunciado fosse compreendido ou processado separadamente, deixando a fala “truncada” ou desconectada. Esse desempenho é nomeado pela autora como *efeito caleidoscópico*. Sobre isso, Ghirello-Pires (2010) argumenta que melhor seria considerar que as crianças com SD, como as demais no início de sua entrada para a fala, leitura e escrita, suprimem palavras de relação que não têm sentido por si mesmas.

Destacamos que há na literatura autores que partem de uma visão histórico-cultural para discutir a referida temática, como Camargo (1994), Monteiro (1992), e Freitas (1995). Tais autores postulam que, apesar das dificuldades orgânicas existentes, as crianças com SD não estão impossibilitadas de aprender e avançar, embora precisem de mais tempo e trilhem, como considera Vygotski (1997) caminhos diferentes. Ghirello-Pires e Labigalini (2010) concebem este ‘tempo maior’ e tais ‘caminhos diferentes’ “como processos qualitativamente distintos ou intermediários, embora ainda sejam vistos e descritos sistematicamente como patológicos” para muitos autores que discutem a SD (GHIRELLO-PIRES e LABIGALINI, 2010, p. 364).

3 Aquisição dos pronomes possessivos

No que concerne ao processo de aquisição da linguagem, a literatura apresenta-nos distintas visões, a depender da teoria que oriente tais estudos. Sobre essa questão, especificamente, em relação ao desenvolvimento da linguagem típico e comprometido, as pesquisadoras Correa e Augusto (2006) defendem que, a partir dos doze meses de vida, a criança passa a analisar os enunciados linguísticos a sua volta sintaticamente, ou seja, a combinar palavras, de modo a formar estruturas, com base na diferença entre palavras que existem em pequeno número, com pouca informação semântica, e posição relativamente fixa na frase, como por exemplo, os artigos.

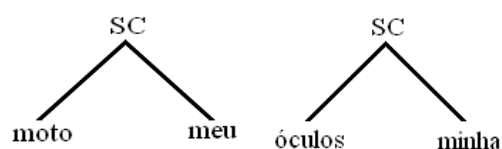
Dos inúmeros aspectos que o processo de aquisição pode ser vislumbrado, destacamos a aquisição dos pronomes possessivos no português brasileiro, com base no estudo de Cerqueira (1999). O autor assume a teoria gerativa como fio condutor de seu trabalho, na vertente do Programa Minimalista⁶, incorporando elementos do modelo de Princípios e Parâmetros. Cerqueira (1999) investigou a aquisição das formas possessivas e demarcou sua ocorrência em duas posições que correspondem a fases distintas nesse processo de aquisição. Para ele, os pronomes possessivos emergem, primeiramente, na posição pós-nominal e, em outra fase da aquisição, movimenta-se para posição pré-nominal. As primeiras demonstrações das formas de indicação de posse no

⁶ Trata-se da versão mais recente da teoria, o Programa Minimalista confere uma nova forma aos pressupostos originais, aproximando a visão formal de língua às concepções psicolinguísticas acerca da aquisição. Sobre isso ver Chomsky (1993; 1994; 1995), Correa (2002; 2006; 2007) e Augusto (2007).

enunciado da criança podem ser vistas com base nas possibilidades oferecidas pela Gramática Universal⁷ (GU). Em outras palavras, os fragmentos da gramática das fases intermediárias da criança aprendiz são vistas na gramática do adulto.

Na fase 1, a criança pode apresentar em sua fala as formas possessivas de primeira e segunda pessoa, “meu” e “seu”, respectivamente, e suas variantes de gênero e número, segundo Cerqueira (1999). Para o autor, esse uso mostra que a criança reconhece o valor de posse. Essa fase consiste estruturalmente em uma mini-orção, não formando um sintagma propriamente dito. Estariam ausentes as duas categorias propostas para a gramática do adulto: número e determinante. Nessa fase, a forma possessiva é materializada após o nome, por exemplo, “moto meu”⁸, para minha moto, “óculos minha”⁹, para meus óculos. Nesse caso, não há movimento de possessivo para posição pré-nominal como é indicado na Figura 1.

Figura 1 – Miniorção



Fonte: Dados das Autoras

Nas primeiras produções com a ocorrência pós-nominal, correspondentes à fase 1, a criança estaria interpretando a categoria Nu desprovida de um traço morfológico forte. Esse processo pode ser visto conforme os princípios de economia. A hipótese do autor é que esse procedimento configura um excelente sistema sem operações de movimento.

A fase 2 assinala um novo arranjo entre a forma possessiva e o núcleo nominal ao qual se liga. Quando o possessivo precede o nome e o artigo está lexicalizado “as categorias funcionais NU/Agr¹⁰ com um traço forte que força checagem na sintaxe visível, antes de ‘spell-out’¹¹” (CERQUEIRA, 1999, p. 67). O aparecimento da forma possessiva em posição pré-nominal pode ser justificada, considerando que o “aprendiz descobriu que a categoria Nu (já presente) no esqueleto funcional tem um traço forte que atrai a forma possessiva para checagem” (p. 66), como mostra a figura abaixo.

⁷ Caracteriza-se como o *locus* das propriedades invariantes que demarcam as línguas naturais.

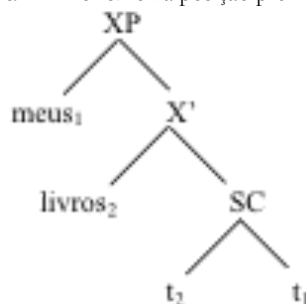
⁸ Produção de V 2:04, em resposta para pergunta “o que é isso?”. Arquivo pessoal da pesquisadora CP, não publicado.

⁹ Produção de JR com 12 anos de idade.

¹⁰ A perspectiva gerativa admite o sistema computacional, componente da mente humana, ele é formado por uma série de operações: *Select*, *Merge*, *Agree/Move* – que atuam sobre uma *Numeração* – um conjunto de itens lexicais selecionados a depender de uma determinada intenção de fala.

¹¹ Traços-phi consiste em um conceito empregado no Programa Minimalista que equivale a traços de número e gênero, número e pessoa.

Figura 2 – Pronome na posição pré-nominal



Fonte: Cerqueira (1999, p. 60)

Apresentamos, adiante, dados do sujeito JR que corroboram a análise realizada por Cerqueira (1999), nas fases 1 e 2.

4 Método

De acordo com os pressupostos da ND, o objetivo do acompanhamento tanto individual quanto em grupo é a aproximação das situações de interlocuções que ocorre entre os interlocutores de forma natural entre sujeitos, mas de forma orientada pelo que fará desencadear nas produções dos sujeitos situações passíveis de reorganização e estruturação.

4.1 Descrição do sujeito/participante

O participante da pesquisa foi um jovem de 16 anos com SD identificado na pesquisa como JR. O processo de análise e tratamento dos dados esteve baseado no “paradigma indiciário” proposto Ginzburg (2009) que chama a atenção para o fato de que um modelo epistemológico edificado no detalhe, no singular, no resíduo, no episódico, emergiu de maneira silenciosa no campo das ciências humanas, no final do século XIX. O “paradigma indiciário” de Ginzburg (2009) toma como pressuposto que a realidade é opaca e o pesquisador deve-se valer de pistas, sinais, indícios para que possa compreender a realidade dos fatos que se mostram por meio de uma ‘singularidade reveladora’. Esse modelo não desconsidera a importância das regularidades; entretanto, diante dos dados, desperta no pesquisador o olhar para certos indícios que “escapam” do regular, voltando-se à singularidade dos dados. O trabalho do autor guia o pesquisador a dois pontos, a saber: o critério de identificação e seleção dos dados e o rigor metodológico. Ele admite o ‘rigor flexível’ que se baseia ora na intuição do pesquisador, ora na formulação das hipóteses diante dos dados (GINZBURG, 2009).

4.2 Local da coleta dos dados

A pesquisa que resultou este trabalho, de cunho longitudinal, foi realizada pelo Grupo de Pesquisa "Fala Down", coordenado pela primeira autora pesquisadora no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). A pesquisa foi submetida a análise ética do Comitê de Ética, sob número CAAE: 43963915.2.0000.0055, resguardando o contido na Resolução 466/2012. A participação do sujeito foi autorizada pelos responsáveis.

4.3 Procedimento

O trabalho de intervenção com JR funcionou como um auxiliar para a superação das dificuldades linguísticas apresentadas pelo sujeito participante e orientou a coleta dos dados da pesquisa. Os atendimentos de JR ocorreram no LAPEN, semanalmente, durante dois anos e meio, o que caracteriza o acompanhamento longitudinal, contabilizados por dois encontros semanais, sendo que cada um dos encontros teve a duração de uma hora perfazendo duas horas semanais. O procedimento de intervenção para a coleta dos dados consistiu em contagem e recontagem de histórias, exibição de vídeos e comentários, organização sequencial de narrativa, considerando os fatos, com base em cenas da história que foram impressas. As pesquisadoras também se dedicaram a confecção de materiais para utilização nos atendimentos como jogo da memória com a temática dos animais, de objetos diversos, jogos de associação da imagem à palavra, e impressão de imagens presentes nas histórias e desenhos exibidos.

5 resultados e discussão

No quadro 1, apresentamos o dado denominado "dodora". O dado foi coletado de uma sessão ocorrida um dia após a comemoração do aniversário de JR. Antes de iniciar as atividades linguísticas previstas, a pesquisadora NM faz algumas perguntas ao sujeito, como, "quantos anos ele completou" e "se teve festa" entre outras.

Quadro 1. Dado 1, 08/07/2015 – "Dodora"

Número	Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre os processos de significação verbais	Observações sobre os processos de significação não verbais
01	INM	Conta primeiro quantos anos você completou		No dia anterior havia sido aniversário de JR
02	JR	16		
03	INM	E o que você fez ontem?		
04	JR	Patícia deu abaço pá mim		Parente de JR
05	INM	Quem é Patrícia?		
06	JR	Meu pima meu	Para "minha prima"	

07	INM	Fala assim: minha prima		Pronunciando na frente para JR visualizar o modelo
08	JR	Minha minha pima		
09	INM	Teve bolo?		
10	JR	Domingo		A festa será no domingo próximo
11	INM	Ah ta		
12	JR	Guaraná tazer Maura		
13	INM	Maura vai trazer guaraná?		Reformula em forma de pergunta, na tentativa de mostrar a JR a produção esperada.
14	JR	É::	Alonga a vogal dando ênfase na resposta	
15	INM	Quem é Maura?		
16	JR	Meu dodora		
17	INM	A sua doutora? É a médica?		NM acredita que JR se refere a médica que o acompanha em algum tratamento
18	JR	Não, cola	“cola” para escola	
19	INM	Escola?		NM ainda não compreende o que JR pretende dizer
20	JR	Cola, Cola Bem Querer	“cola cola” para escola escola	JR reforça que se trata de alguém da escola e não um médico, pois oferece o nome da escola como pista.
21	INM	Ué por que você está falando doutora?		
22	JR	Cola meu	Minha escola	
23	INM	Não entendi, Maura é da Escola?		NM não entende JR.
24	JR			Acena que sim com a cabeça
25	INM	Mas o que ela faz lá?		NM pergunta interessada para entender a relação entre Maura e a produção “dodora”
26	JR	Dadora		
27	INM	Monitora? Professora?		Oferece outras opções para tentar entender o que JR dizia
28	JR	Não, dadora cola		
29	INM	AH! Cuidadora?		A produção “dadora” aproximou-se mais da palavra esperada e a pesquisadora pôde associar com a palavra cuidadora.
30	JR	É::	Alonga a vogal em tom de afirmação	

Fonte: Quadro feito pelas autoras.

O ponto principal do trabalho de Cerqueira (1999) que norteia a pesquisa e, portanto, este trabalho é o fator que motiva as diferentes posições

do possessivo antes e após o nome, ou seja, a presença e ausência do determinante e da categoria número, respectivamente. Esse fator nos ajuda a explicar a posição do possessivo nos dados. Ressaltamos, no entanto, que nos chamou a atenção o sujeito não realizar a concordância de gênero. Para o presente momento, não temos uma análise formal mais acurada para esse fenômeno. Podemos pensar que, também seguindo a proposta de Cerqueira para a categoria número, JR não estaria reconhecendo (marcando) a categoria gênero, conforme as linhas 06, 16 e 22.

Da fase 1, mencionamos a produção de JR “Cola meu”, linha 22 para minha escola, “óculos minha” para meus óculos. Observamos a realização da forma possessiva pós-nominal, sem a concordância de gênero, pois a produção esperada seria “minha escola”. JR parece não marcar ainda essa distinção de posição em todos os contextos, mas assinala ao enunciar “meu dodora”, linha 16, já que esse foi o modelo que oferecemos a ele. JR também não marca a concordância de gênero, ao contrário de crianças que não possuem a síndrome, que nos primeiros dois anos de vida, geralmente, já percebem essa distinção. Contudo, valorizamos a inserção da forma possessiva feita por JR, dado que ele preencheu uma categoria que não realizava. Ele avançou, demonstrando, como expôs Cerqueira (1999), que o uso revela o reconhecimento do valor de posse por parte da criança.

Em relação à segunda fase de aquisição da forma possessiva, apresentamos um dado de novembro de 2014, retirado de uma sessão de acompanhamento na qual estavam presentes as investigadoras CP e NM.

O dado consiste em um relato espontâneo de JR “meu, minha” e “sua”, por parte de JR, como mostrado no quadro 2:

Quadro 2. Dado 2, de 19/11/2014 - “Meu casa”

Número	Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre os processos de significação verbais	Observações sobre os processos de significação não verbais
01	JR	Gato meia noite.		
02	ICP	Gato...que que tem o gato?		
03	JR	Tá miando		
04	ICP	Tava miando onde?		
05	JR	Meu casa		
06	ICP	Onde?	JR já havia respondido que foi em sua casa, mas a pesquisadora questiona para que JR reformulasse produzindo a concordância de gênero	
07	JR	Sua meu casa		
08	ICP	Meu?		
09	JR	Minha		

10	ICP	Ah...		
11	INM	Hum, muito bem		
12	ICP	Gato estava...		CP oferece <i>prompt</i> como pista para JR completar a frase
13	JR	Tava miando casa		
14	ICP	Na minha casa?	A pesquisadora lança a pergunta esperando conduzir JR a inserir a forma “minha” na frase.	
15	JR	Não, minha		
16	ICP	O gato...		Apresenta o <i>prompt</i> para JR
17	JR	Gato ta miando à noite		
18	ICP	Na minha?		
19	JR	Minha casa		
20	ICP	Então fala, gato...		
21	JR	Gato tá miando tá miando noite sua minha casa		
22	INM	Muito bem, JR!		
23	JR	Correu vó água	Para Minha vó correu e jogou água	
24	ICP	Minha?		
25	JR	Minha vó, sua vó.		
26	ICP	MINHA?	A investigadora insiste tencionando mostrar para ele a necessidade de reformulação	Tom: enfático
27	JR	Não, minha meu		
28	ICP	Então fala minha vó		
29	JR	Minha vó		
30	INM	Pronto!		

Fonte: Quadro feito pelas autoras.

O dado apresentado no quadro 2, exposto nas linhas 05, 07, 19 e 25, indicam que JR opera o movimento da forma possessiva para a posição pré-nominal conforme assinala Cerqueira (1999). Podemos observar a insistência das pesquisadoras e o caminho construído para levar JR à reformulação de seu dizer, bem como para a concordância do pronome possessivo. Quanto ao movimento do pronome, ele é admitido pelo referido autor como a segunda fase do processo de aquisição do possessivo vivenciado pela criança. Nessa fase, a criança ao marcar o valor distintivo do determinante (o, a), elege, no contexto linguístico, a forma possessiva pedida, neste caso, “meu” ou “minha” e, ainda, move a forma possessiva para posição pré-nominal. Entretanto, JR

ainda não faz uso do determinante em suas produções. Isso nos leva a crer, com base no estudo de Cerqueira (1999), que a ausência desse elemento impossibilita JR de operar a concordância, como na linha 05. Destacamos as linhas 09 e 19, nas quais JR realiza uma correção marcando a concordância de gênero, e a palavra “minha”, empregada por ele, ainda não havia sido usada nesse acompanhamento. Mas as investigadoras sempre ofereceram a ele o modelo no qual o pronome “minha” precisaria ser usado, por meio de ênfase e correções durante os atendimentos, conforme as linhas 14, 19, 24 e 26. Destacamos a linha 21, na qual JR produz uma sentença mais ampliada e acreditamos que o papel do mediador foi significativo para que ele desdobrasse seu dizer inserindo a forma possessiva.

Na linha 27, JR confunde-se em sua tentativa de acerto e fórmula “minha meu”, mas na linha 29 ele produz “minha vó”. Esta concordância destacada não é marcada por JR em todos os contextos. Porém, JR movimentou a forma possessiva para a posição pré-nominal. Nesse sentido, as investigadoras ressaltam a operação do movimento feita por ele e consideram que JR pode encontrar-se em fase intermediária nesse processo de interpretação para marcar a concordância de gênero e por isso não sistematizou o uso esperado, neste caso, a distinção de gênero das formas possessivas. Acreditamos que JR necessite de mais tempo para internalizar esse uso, a fim de que ocorra uma sistematização do movimento de concordância. Embora realize no dado apresentado, JR não marca a distinção em outras situações discursivas. Porém, esperamos que, por meio dos modelos linguísticos oferecidos a JR, ele esteja no caminho para distinguir tais usos em variadas situações comunicativas.

Ressaltamos, ainda, que procuramos propor a ele, durante o estudo longitudinal, atividades que o levassem a operar internamente, refletindo acerca do funcionamento da linguagem. No decorrer dos atendimentos, JR relatou-nos diversos acontecimentos de cotidiano e, espontaneamente, contou a pesquisadora NM um fato sobre o pai: “meu pai tabaiando”. Essa produção foi muito significativa para as pesquisadoras, dado que JR realizou o movimento da posição possessiva para forma pré-nominal e, ainda, realizou a marcação da concordância de gênero.

6 Conclusão

Com base nos dados gerados no estudo de JR e na análise realizada, sabemos que muito ainda pode ser feito para auxiliá-lo diante de suas necessidades linguísticas. Porém, muito foi conquistado. Sua fala que, inicialmente, mostrava-se ininteligível, truncada, agora se apresenta com mais elementos linguísticos e mais estruturada, a exemplo de “meu pai tabaiando”.

Destacamos, também, o avanço de JR na aquisição da forma possessiva, pois ele não fazia uso em nenhum contexto discursivo. Por intermédio do trabalho conjunto com as pesquisadoras, JR adquiriu primeiramente a adoção do pronome na forma pós-nominal e, posteriormente, operou o movimento movendo o pronome para posição pré-nominal. Assim, ele progrediu na linguagem, inserindo em suas produções orais uma categoria da qual não fazia uso. Sabemos que JR ainda não reconhece/marca o valor distintivo do determinante (artigo) “o, a”, nessa fase da pesquisa, para realizar a

concordância de gênero, porém, acreditamos que, por meio da reflexão linguística e dos modelos oferecidos, JR encontra-se no caminho para distinguir e sistematizar o movimento de concordância, em todos os contextos.

No que tange ao processo de aquisição da linguagem de JR, percebemos que ele iniciou sua entrada nessa fase tardiamente, mas, apesar disso, tem se apropriado e avançado nas questões concernentes à linguagem. Podemos dizer, com base no estudo longitudinal que tem sido realizado, que não foi oferecido a JR um contexto familiar acolhedor que olhasse mais o sujeito, na primeira infância que estimulasse adequadamente a linguagem.

Por fim, esperamos que a discussão apresentada neste trabalho possa contribuir, dando maior visibilidade à intervenção realizada, com base em pressupostos da Neurolinguística Discursiva, no processo de aquisição da linguagem de crianças com síndrome de Down e casos semelhantes ao de JR. Podemos dizer que ele tem se apoderado de sua identidade e se sente mais seguro para enunciar suas vontades, revelando-se como um sujeito que, por meio da linguagem, alcançou exímias conquistas – o controle de seu comportamento e a tomada de decisão.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. & COUDRY, M. I. H. Em torno de sujeitos e olhares. In: _____. **Estudos da Lingua(gem)**. v. 6, n. 2, Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008. p. 171-191.
- CAMARGO, Evani Amaral Andreatta. **Era uma vez...** o contar histórias em crianças com síndrome de Down. Campinas. 1994. 110 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudo da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- CERQUEIRA, C. V. Aquisição de possessivos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 36, p. 47-69, 1999.
- CORREA, L. M. S & AUGUSTO, M. R. A. **Aquisição da linguagem e problemas do desenvolvimento linguístico**. São Paulo: Loyola/ Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.
- COUDRY, M. I. H.; FREIRE, M. P. F. Pressupostos teóricos-clínicos da neurolinguística discursiva. In: COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P.; ANDRADE, M. L. F. A. de; SILVA, M. A. **Caminhos da neurolinguística discursiva: teorização e práticas com a linguagem**. Campinas: Mercado Livre, 2010. p. 357-376.
- CUILLERET, M. **Lês trissomoques parminous ou lês mongoliesn ne sontlus**. 2 ed. France: Simep, rue de Beuxelles, 1984.
- FREITAS, A. P.; MONTEIRO, M. I. B. Questões textuais em adolescentes com síndrome de Down. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 1, n. 3, p. 53-62, 1995.
- GINZBURG, Carlo. Sinais; raízes de um paradigma indiciário. _____. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e historia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p 143-180.

GHIRELLO-PIRES, C. S. A. **A inter-relação fala, leitura e escrita em duas crianças com síndrome de Down.** Campinas. 2010. 130fls. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, 2010.

GHIRELLO-PIRES, C. S. A.; LABIGALINI, A. P. V. Síndrome de Down: funcionamento e linguagem. In: COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P.; ANDRADE, M. L. F. A. de; SILVA, M. A. **Caminhos da neurolinguística discursiva: teorização e práticas com a linguagem.** Campinas: Mercado Livre, 2010, p. 357-376.

MONTEIRO, Maria Inês Bacellar. **A dinâmica do diálogo de crianças portadoras de síndrome de Down.** São Paulo. 1992. Tese (Doutorado), Instituto de Psicologia- Universidade de São Paulo.

RONDAL, J. A. Language in Down's syndrome: a life-span and modularity. **Rassegna Italiana di Linguistica Applicada.** Roma: Bulzonieditore, 1991.

STRATFORD, Brian. **Down's syndrome: past, present and future a understanding and positive guide for families, friend and professionals.** London: Penguin Books, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Recebido em 30 de agosto de 2018.

Aprovado em 20 novembro de 2018.

Publicado em 30 de dezembro de 2018.

SOBRE AS AUTORAS

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires é pós-doutora em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); Doutora em Linguística – Neurolinguística - pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP); Fonoaudióloga pela Pontifícia Universidade de Campinas (PUCCamp). É docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). É pesquisadora responsável pelo Grupo de Pesquisa “Fala Down” do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Neurolinguística (LAPEN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória Conquista (BA).
E-mail: carlaghipires@hotmail.com.

Nayra Marinho Silva é mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin) da Vernáculos pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. É professora Interprete de Libras, graduada em Letras pela mesma Instituição.
E-mail: nmsilva06@hotmail.com